

A banda e o Chaleco em Gache

À voz do sino sobrepõe-se por momentos ao cantar permanente das cigarras. Ainda atordoados da caminhada (duas horas a pé), os músicos podem ver a secura dos pequenos campos amarelecidos pelo tempo agreste e seco. A marcha “Dois Corações” (dedicada a D. Pedro e Dona Inês) arrasta de entusiasmo um pedaço de povo. Alguns populares esbracejam ao mesmo tempo que rodopiam em forma de dança.

À tarde é o concerto tão esperado! Como bonecos de feira, a turba gira de um lado o para o outro mecanicamente fitando os instrumentos das suas preferências. A Banda de Mateus no coreto inicia com um repertório clássico de elevado nível mas não muito bem compreendido pela multidão que enche por completo o largo bosteiro da aldeia. “La Leyenda del Bejo”, prenuncia um repertório que vai fazer furor e muita inveja a alguns mirones de outras filarmónicas...

Um casal pomposamente vestido exhibe um salero gracioso em jeito de flamenco, conquistando aplausos e fortes “olés.” O músico José Luís Penelas, conhecido por Chaleco puxa a mulher prá dança, mas esta vira-lhe as costas, dizendo estar cansada de tanto caminhar e entediada porque não quer dar nas vistas.

Fora do coreto, Chaleco questiona Zulmira, sua mulher. Habituada aos seus maus humores tenta abrandar o azedume das palavras do homem fitando-o nos olhos.” Ó Zé, bá, *bamos* lá prá dança”. A Rapsódia Cantar Rir e Bailar explode. No final, um velhote vai junto do mestre, toca-lhe nas calças e diz-lhe de boca aberta: “com que então vocês estavam a fingir que não sabiam tocar!” De facto para muita gente a música popular era aquela que se identificava com as tradições que já vinham dos antepassados; aquela era a música que tocava a alma do povo: só ela conduzia a um estado de espírito. Depressa um monte de gente redemoinha-se com espasmos de satisfação. A poeira parece subir aos céus...uma poeira de prata que espiritualizava o ambiente. Joaquim do Pinto, com o seu trompete vibra de satisfação. “Ah grande cornetim!” Berra uma voz, levantando o troféu do vinho em caneca bem aviada.

Escolhem-se os pares; galanteiam-se nos olhares as moças mais cobiçadas. Uma rapariga bonita da terra, de figura recatada e bem medida de ancas e de peitos, depois de ouvir um piropo de um galã chegado de Lisboa, nega-lhe a dança de um número ligeiro - *Pela Calçada da Serra*. Recusa explicada pelo namoro de olhares matreiros para com alguns músicos da banda sedutores e apumados. A dança era um ritual do povo coabitando com este nas festas e nos convívios depois da faina e do trabalho coletivo. Era o expoente máximo das alegrias e intimidades partilhadas; com ela se viviam momentos de libertação conduzindo a uma felicidade ainda que efémera. Afinal a vida é feita da magia de pequenas coisas.

Gache extasia-se na Banda de Mateus. Depois do concerto, os músicos reúnem-se no largo e em círculo, tocam uma marcha de despedida em que o contramestre Joaquim do Pinto vai indicando a cada músico o tema que irão tocar (refrão) da Marcha “Bristol”. Claro que só os instrumentistas que tocam melodia o fazem. Surge o insólito: o Pinto por provocação, aponta ironicamente para o Zé Chaleco. E o Chaleco que tocava bombos e pratos, não se faz rogado. Corajoso, prepara-se, colocando o bombo e os pratos a preceito, saindo-lhe os olhos das órbitas com a responsabilidade que lhe cabe. O engenhoso da bateria, cofiando o farto bigode, acrescenta ao seu toque uma melopeia por ele cantada e da sua autoria, feita no momento, cuja letra pretensamente jocosa, verbalmente insultuosa e brejeira, faz aplaudir a multidão que em apoteose o transporta em ombros pelo recinto. Afinal a imaginação do artista fora recompensada.

Em Gache nesse ano de 1949, o Sol ocultara-se para além dos cumes, com um brilho de um interior deprimido de paisagens solitárias (mas solidárias. O odor das estevas e do gado sentia-se ainda.

No regresso a casa o inspirado Chaleco ia cogitando para um colega que em Gache há tudo de grande- o céu, a terra o gado e a bondade do povo...e olhando para o céu declama a beleza da lua:” a lua é sempre bonita lá para Gache...” e embalado por um fiozinho de água, suspira consolado.